

Influência do Wahhabismo na ideologia do estado islâmico

Gedharo Keller¹

Andrew Patrick Traumann²

Resumo: O objetivo desse artigo é explorar o contexto histórico do mundo muçulmano e com ele entender o surgimento do fundamentalismo islâmico e os reflexos que ele tem no Oriente Médio e no cenário internacional. Desde seu surgimento no século VII houve uma grande expansão do islã pelo Oriente Médio, África e Europa, onde a existência de um Estado Islâmico com seu sistema de governo baseado em um califado trata-se de tentar reconstituir um passado real e glorioso, mas muito remoto historicamente, uma vez que o califado existiu até 1923 e em seu auge atingiu um território que ia da Espanha até a Índia. Entretanto, o surgimento do fundamentalismo islâmico moderno se dá no século XVIII com o wahhabismo. O surgimento e a consolidação do Fundamentalismo Islâmico, desde o surgimento do islã passando pelo wahhbismo, até a atualidade com a presença do Estado Islâmico no Oriente Médio, são a evidência de que o assunto é de grande importância e com uma bagagem histórica bastante rica que exige uma pesquisa mais aprofundada.

Palavras-chave: Islamismo; Estado Islâmico; Fundamentalismo; Wahhabismo; Salafismo.

Abstract: The objective of this article is to explore the historical context of the Muslim world and understand the emergence of Islamic fundamentalism, his reflections in the Middle East and in the international scenario. Since its emergence in the seventh century there was a great expansion of Islam in the Middle East, Africa and Europe, where the existence of a Islamic State with its system of government based on a caliphate is about trying to reconstitute a real and glorious past, but very remote historically, once the caliphate existed until 1923 and in its peak reached a territory that went from Spain to India. However, the emergence of modern Islamic fundamentalism occurs in the eighteenth century with Wahhabism. The emergence and consolidation of Islamic fundamentalism, from the rise of Islam through Wahhabism, until nowadays with the presence of the Islamic state in the Middle East, Are the evidence that the subject is of great importance and with a very rich historical baggage that requires further investigation.

Key words: Islamism; Islamic State; Fundamentalism; Wahhabism; Salafism.

1. Introdução

O Islã tem seu surgimento no século VII na região conhecida como Península Arábica. Como a região já possuía religiões monoteístas (cristianismo e judaísmo) a entrada de uma nova crença se tornou mais acessível. Como o islamismo surge na Península Árabe, os habitantes dessa região foram os primeiros a entrar em contato com a nova doutrina. Os árabes não eram um povo homogêneo, nessa época, os árabes eram aqueles falantes da língua árabe e do ramo meridional da família semítica, mas ainda assim povos distintos, entre eles beduínos, agricultores que habitavam os oásis e alguns centros urbanos. O profeta fundador do islamismo, Maomé, viveu em uma época em que Meca havia retomado uma posição influente. Dentro desse emaranhado de povos, se destacaram os beduínos, que eram nômades, pastores e comerciantes. Os valores beduínos poderiam ser percebidos em todo o povo árabe e dentre eles estava a prática politeísta. O islã tinha como objetivo sobrepujar os costumes beduínos e com os triunfos do povo árabe sob a bandeira do islã, boa parte dos costumes e tradições foram afastadas (DEMANT, 2004, p. 23-25).

Para tratar do assunto, é essencial desenvolver um pouco sobre a história de Maomé, o profeta fundador do islã. De acordo com (DEMANT, 2004, p. 25):

Maomé pertenceu a um ramo menor do clã dos Quraysh (coraixitas), um dos mais poderosos de Meca. Foi criado como mercador e casou-se aos 25 anos com uma rica viúva, bem mais velha que ele, chamada Khadija. Supõe-se que, nas suas viagens de negócios, Maomé teria entrado em contato e sido influenciado por árabes judaicos e cristãos.

Segundo a tradição religiosa quando Maomé tinha quarenta anos, ele começou a receber revelações divinas. Após o arcanjo Gabriel aparecer para ele e ter lhe passado a palavra de Deus, em um primeiro momento ele se assustou, mas sua esposa o encorajou. As revelações recebidas por Maomé tratavam de um único Deus, um Deus a quem todos devem se submeter, daí a palavra islã, que significa submissão.

A partir do momento que Maomé passou a acreditar ter sido escolhido como porta-voz de Deus na terra, assumiu a responsabilidade de profeta. As visões e revelações seguiram um ciclo, no começo eram para que ele convertesse pessoas próximas a ele, depois para instruí-lo no comando de uma pequena comunidade de seguidores. No início de sua trajetória como profeta, conseguiu converter apenas sua esposa e pessoas próximas a ele, a comunidade de ouvintes não cresceu muito, mas inquietou e irritou parte da elite da cidade de Meca com a vontade de destruir símbolos politeístas pela cidade. Nessa época Meca possuía um grande turismo religioso, ou seja, os interesses econômicos das elites da cidade prevaleceram frente ao ainda pequeno movimento religioso iniciado por Maomé. Essa inquietação resultou na repulsão de Maomé e seus seguidores que tiveram que fugir para Medina (300 quilômetros ao norte de Meca), essa fuga marca o início do calendário muçulmano. A hijra, como é conhecida essa fuga levou Maomé até Medina, onde também precisou enfrentar os governantes locais, mas com o tempo a superioridade militar dele e de sua comunidade prevaleceram. Com uma base para criar uma comunidade regida pelas leis muçulmanas, Maomé fez de Medina o primeiro Estado muçulmano. A partir desse momento começa a expansão do islã e grande parte das tribos foi absorvida pelas novas tradições e pela nova crença. Com a consolidação de um Estado muçulmano e a expansão do mesmo, o profeta Maomé passou a exercer poder político e militar, além do religioso que já exercia sobre a sua comunidade. Com esse poder em mãos Maomé seguiu o plano de expandir o islã, e levou essa luta até Meca, onde derrotou os coraixitas e retirou da cidade todas as imagens de deuses politeístas. Um pouco antes da morte do profeta, ele peregrinou até Meca e quando faleceu, maior parte da Árabia central e o Hijaz se encontravam em poder dos muçulmanos (DEMANT, 2004, p. 25-26).

O islã tem embasamento em cinco pilares:

1. *Shahada*;
2. *Salat*;
3. *Zakat* (caridade);
4. Ramadan (Ramadã);
5. *Hajj*

O primeiro dos pilares, a *Shahada*: é o testemunho que vai realizar a conversão onde o crente vai reiterar várias vezes o dizer “Não há outro Deus e Maomé é seu Profeta”. Dentro da interpretação desse pilar do islã que se torna clara a necessidade de submissão a Deus, pois ele é eterno, inato, onisciente e onipresente, ou seja, tudo sabe e tudo vê. Também presente aqui, está a distância intransponível entre Deus e os homens e a unicidade de Deus.

O segundo pilar, *Salat*, é a reza feita pelos muçulmanos cinco vezes ao dia. Sabe-se a hora de rezar pelo chamado feito pela torre da mesquita, o muezzin. A reza não é um pedido em favor de si mesmo, ela é destinada a veneração do Deus único, pois na crença muçulmana os benefícios recebidos pelo homem, emanam de Deus e não de um pacto realizado com Deus para que assim Ele favoreça quem está pedindo algum benefício. A reza é símbolo de submissão, pois Deus é incomensurável e os mortais lhe devem obediência. A reza pode ser realizada em qualquer local, mas toda sexta-feira, a comunidade muçulmana se reúne na mesquita para a oração comunal.

A *Zakat*, terceiro pilar, pode ser comparada ao dízimo dos cristãos ou a *tzedaká* dos judeus. Uma parte dos proventos é entregue para a realização de programas sociais e simboliza a solidariedade com a comunidade muçulmana (*ummah*).

O Ramadã é o mês em que os muçulmanos praticam o jejum com o objetivo de se purificarem e a realização de desígnios divinos e leis sagradas. O Ramadã comemora o recebimento do Alcorão e os muçulmanos não podem beber (nem mesmo água), comer e ter relações sexuais desde o nascer até o por do sol.

O quinto e último pilar, Hajj, é caracterizado pela peregrinação a Meca. Essa peregrinação em direção a Meca (ícone da soberania divina) é uma obrigação de todo muçulmano com capacidade financeira e saudável. Essa obrigação deve ser cumprida pelo menos uma vez na vida se assim for possível.

A quem diga que exista um sexto pilar, a Jihad. Esse é um ponto defendido por Salafitas que possuem uma visão e uma interpretação mais radical do islã e do Alcorão. Segundo (STERN E BERGER, 2014, p. 312 - 313):

Um argumento importante foi oferecido, por exemplo, por Mohammad Abd Salam Faraj (m.1982), que escreveu no seu panfleto amplamente lido, *The neglected Duty*, que <<a jihad é secundária apenas em relação a crença>>, sendo um negligenciado sexto pilar do Islão e uma obrigação de todos os muçulmanos devotos.

Nem todos os muçulmanos praticam sua religiosidade da mesma maneira ou interpretam a religião da mesma forma, um exemplo dessa diversidade são os xiitas e os sunitas. No entanto, dentre os muçulmanos se identificam alguns pontos em comum, a autoridade muçulmana está no Corão, na *Suna* e na *Hadith* e os muçulmanos seguem os princípios (pilares) do islão, que foram supracitados.

O Corão é o livro sagrado dos muçulmanos e contém todas as revelações transmitidas ao Profeta Maomé. A Suna é o exemplo de Maomé, ela transmite as atitudes, práticas e palavras de Maomé, e os muçulmanos se dirigem a ela em busca de uma maneira de seguirem uma vida baseada em valores morais. E por último, a Hadith. A Hadith é onde estão localizadas as atitudes, práticas, palavras e ações de Maomé e de seus companheiros, ou seja, as sunas estão guardadas na Hadith (STERN E BERGER, 2014, p. 300 – 301).

2. Wahabismo e Salafismo

2.1 Salafismo

As diferentes interpretações do Alcorão criam uma série de problemas e conflitos de complicada resolução. A solução desses problemas se torna difícil ao passo que o Alcorão delimita o que se pode ou não fazer, visto que é a autoridade máxima do islamismo. Como resposta a essas complicações surge o Salafismo, com o objetivo de retorno ao passado, não dando espaço para novas interpretações do Alcorão. Os salafitas pregam esse passado como sendo puro e devido a isso esse passado deve ser restaurado no presente. No salafismo, o passado que retrata a vida de Maomé e as revelações divinas recebidas por ele, que após a sua morte resultaram no alcorão, é um passado histórico e também eterno. (LEITE, 2013, p.7)

O surgimento do salafismo se deu com Taqui al-Din Ahmad Ibn Taymiyya (1263 – 1328). Com Ibn Taymyyia começa uma idolatria ao passado e ao exemplo das primeiras gerações de muçulmanos (LEITE, 2013, p. 10). Inicia-se uma veneração ao passado que é supostamente puro, relatado no Alcorão e na Suna, que para os salafitas contém os princípios e valores que um muçulmano deve seguir. É uma interpretação quase que literal da escritura sagrada e dos feitos de Maomé e de seus companheiros.

Em árabe a expressão “as-salaf as salih” significa: os antepassados veneráveis. Essa expressão é uma referência direta as três primeiras gerações de muçulmanos, as quais são usadas como modelo exemplar pelos salafitas. Dessa maneira que o retorno ao passado se faz tão importante, pois reestabelecer o passado no presente é a essência do salafismo (LEITE, 2013, p. 13-15).

O movimento salafita tem raízes atuais, porém sua maneira de pensar não é inovadora, como supracitado os salafitas são guiados pelos estudos de Taqui al-Din Ahmad Ibn Taymiyyah, que viveu durante a invasão Mongol ao Oriente Médio, que levou a conquista de Bagdad (atual capital do Iraque) e morte do último Califa abássida.

Taqui al-Din Ahmad Ibn Taymiyyah partiu da argumentação que esses eventos que levaram a uma derrocada do mundo muçulmano da época, aconteceram pois o islã havia se corrompido e se desviado de seu verdadeiro caminho. Como forma de retornar a prosperidade e o desenvolvimento, pregava uma volta as práticas religiosas e crenças do mundo muçulmano primordial, e da mesma maneira que Ibn Taymiyyah pregou no passado, hoje o Estado Islâmico busca um retorno ao passado, visto que acreditam que o atraso vivido hoje no mundo muçulmano é fruto de uma desvirtuação e corrupção do Islã (STERN E BERGER, 2014, p.303).

Outro aspecto importante do movimento salafita é a maneira de entendimento das origens do islamismo (Alcorão e Suna), não há espaço para interpretação e uma interpretação que não seja literal é considerada uma ameaça ao islã. Ou seja, não utilizar a lógica ou a razão na interpretação das fontes originais representa uma fidelidade total ao Alcorão e a Suna (WIKTOROWICZ, 2006, p. 210).

Para que possamos entender melhor organizações armadas, é necessário compreender que o jihadismo parte de uma ideologia fundamentalista religiosa, e o jihadismo praticado pelo Estado Islâmico pode se dizer que é salafita. Classificando o Salafismo como ideologia, (ideologia que parte do Islã sunita) ele busca um retorno ao passado religioso do Islã do século VII e o termo salaf remete diretamente aos muçulmanos dessa época. A divergência entre as crenças e práticas religiosas dos muçulmanos acontece devido a uma série de interpretações do Corão, para os salafitas as interpretações que surgiram com o passar dos anos alteraram a verdadeira identidade do islã e foi por esse motivo que ocorreu a decadência do Califado e do mundo muçulmano. Devido a isso os salafitas se inclinam profundamente clamando por um retorno ao passado de suposta pureza das primeiras gerações de muçulmanos (STERN E BERGER, 2014, p.302). Partindo desse princípio de retorno ao passado, eles não aceitam diferentes interpretações do Corão e da Suna (exemplo de Maomé e seus companheiros), pois acreditam que a origem relevante para se tornar um muçulmano que segue o caminho e o esforço em favor de Deus, está no Corão e na Suna da maneira como era interpretada no passado.

Da mesma maneira que se recusam a aceitar séculos de estudo e de interpretação, eles defendem que não se faz necessária a interpretação de estudiosos para que o Corão e a Suna sejam interpretados, ou seja, é possível se tornar um muçulmano virtuoso sem precisar interpretar visões de diferentes estudiosos e argumentações intelectuais.

Podemos assim concluir que, salafitas buscam em referências do passado, se embasar na religião para explicar acontecimentos recentes que levaram o mundo muçulmano a condição atual de subdesenvolvimento em relação ao restante do mundo.

2.2 Wahhabismo

O wahabismo surge com al-Wahhab e hoje é um movimento considerado como o embasamento ideológico e religioso para organizações islâmicas radicais (SANCHES, 2007, p. 6).

Os escritos de Ibn Taymiyyah tomaram forma durante a invasão Mongol ao Oriente Médio no século XIV, mas a sua importância permanece até os dias de hoje devido ao surgimento do movimento wahhabita impulsionado por Muhammad Ibn Abd al-Wahhab. De acordo com (STERN E BERGER, 2014, p. 304) “Ibn Abd al-Wahhab baseou-se nos escritos de Ibn Taymiyyah e defendeu uma interpretação estrita do Islão sunita”. A crença de al-Wahhab girava em torno de uma interpretação do Corão que fizesse com que houvesse uma quebra com venerações idólatras e práticas politeístas (práticas xiitas de uma maneira geral). Práticas como essas, na visão de al-Wahhab, não traduziam um verdadeiro muçulmano e em perseguição desse objetivo projetou uma série de conflitos para que suas práticas e interpretação fossem adotadas pelos demais muçulmanos.

Ibn Abd al-Wahhab encontrou um aliado durante sua luta em busca da disseminação de uma interpretação mais literal do Islã, seu aliado foi Muhammad bin Saud (líder da casa de Saud).

A casa de Saud, que durante os séculos XIX e XX junto aos wahhabitas, lutou para unificar o povo muçulmano sob uma única religião e interpretação do Corão e conseqüentemente sob uma única autoridade política. Essa luta resultou no que conhecemos hoje como o Estado da Arábia Saudita, que na atualidade ainda possui fortes relações com os wahhabitas, e um reflexo disso é o seu país que destruiu uma série de monumentos sagrados para os xiitas, que aos olhos dos sunitas wahhabitas, praticam atos religiosos politeístas e portanto não seguem o verdadeiro caminho de muçulmanos virtuosos (STERN E BERGER, 2014, p. 304).

O movimento cresceu significativamente no século XX, quando foi essencial para o reconhecimento do Estado da Arábia Saudita e teve fortes influências na criação da Irmandade Muçulmana no Egito. A Irmandade Muçulmana criada por Hassan al-Banna tinha como objetivo um retorno ao passado idealizado das três primeiras gerações de muçulmanos. Al-Banna trouxe o wahabismo para o campo da política dizendo que a divisão do povo muçulmano em nações-Estado ia contra os princípios islâmicos e indicava uma corrupção do islã. (SANCHES, 2007, p. 7)

No ano de 1945 al-Banna transformou o conceito de jihad e a Irmandade muçulmana também passou a ser associada à violência. Segundo (SANCHES, 2007, p. 7):

Para al-Banna, jihad passou a ser a guerra que todo verdadeiro muçulmano deve enfrentar, com o propósito de reconverter o mundo muçulmano ao islamismo puro, mesmo que, para isso, tenha de pagar com a própria vida.

Três anos após aderirem a violência, a Irmandade Muçulmana se tornou clandestina e em 1949 al-Banna faleceu. Com a morte do líder da Irmandade se faz necessário um substituto e nesse cenário surge Sayyid Qutb.

Sayyid Qutb entrou para a Irmandade em 1951 e com sua entrada para a organização se dedicou a teoria e a ideologia. Nesse período escreveu “Sinalizações na Estrada”, que hoje é considerada de grande importância nos estudos do terrorismo. Qutb foi preso e enforcado em 1966 por propagar a ideia de derrubada do governo. Qutb supera al-Banna quando altera o objetivo do radicalismo islâmico de unir os muçulmanos em um Califado e restauração do Islã original, para a conversão

de todo o mundo e não apenas do povo muçulmano (SANCHES, 2007, p.8).

Analisando movimentos salafitas e wahhabitas, percebemos-os como sendo movimentos religiosos, mas eles não se restringem a religiosidade, são políticos também, e a expressão política mais recente desses movimentos é o Estado Islâmico e a proclamação do Califado. A ênfase no desenvolvimento político do Estado Islâmico é um mecanismo de resposta à modernidade, ou seja, funciona como habilitador do mundo muçulmano a contemporaneidade. Conforme citado por (STERN E BERGER, 2014, p.

306) “É uma forma de vida mais abrangente e o melhor mecanismo para responder às crises suscitadas pela modernidade”.

No final do século Wahhabismo e Salafismo acabaram se fundindo e de certa forma se tornaram difíceis de distinguir, o que nos leva a crer que quando o Estado Islâmico é citado como uma organização salafita, ele contém princípios salafitas e wahhabitas e vice-versa. Isso se torna importante para tentar entender a ideologia do Estado Islâmico e seus princípios religiosos e embasamento político como justificativa na hora de entendermos seu objetivo de combate à corrupção do Islã, atraso em relação ao Ocidente e com isso se faz necessário um retorno ao passado puro do Islã. Para que isso aconteça, na visão dos jihadistas, em alguns casos a violência e a guerra são atos necessários para buscar uma saída para problemas do mundo muçulmano (STERN E BERGER, 2014, p. 307-308).

Uma das ferramentas de perseguição política e econômica utilizada pelos extremistas é o takfir, que podemos traduzir como heresia, como uma traição a Ummah (comunidade muçulmana). O uso do takfir no mundo muçulmano é de grande importância e feito de diversas maneiras, uma vez que existem várias interpretações do islamismo e no uso do takfir isso fica bastante evidente. A divisão pode ser feita entre salafitas mais moderados e mais radicais, onde os mais moderados restringem mais o uso do takfir e os mais radicais abrangem suas ações.

Por exemplo, para os moderados, atos de heresia podem ser levados em conta na acusação, mas isso não significa que a pessoa não seja muçulmana. Em relação a esse ponto, os salafitas mais radicais acreditam que provas relacionadas aos atos de apostasia devem ser apresentadas para apoiar uma acusação, apesar disso os obstáculos para o uso do takfir são notavelmente menores. Essa postura dos salafitas mais radicais com relação ao uso do takfir tem ligações bem evidenciadas com a ideologia wahhabita (STERN E BERGER, 2014, p. 310-311).

Para complementar o takfir, os salafitas radicais fizeram uso da jihad como sendo uma obrigação. Como citado por (STERN E BERGER, 2014, p. 315):

Em combinação, isto significava que tanto havia oportunidade mais justificadas para a jihad militante como uma obrigação de participar. Assim este pensamento – atravessando pensadores como Qutb, Faraj, Azzam e outros – influenciou significativamente movimentos salafitas jihadistas como a al-Qaeda e o EI.

3. Estado Islâmico

Como um tema atual e bastante discutido por todos os Estados, ele se caracteriza como sendo de grande importância nas análises de relações internacionais que tratam do assunto Oriente Médio. A organização armada hoje conhecida como Estado Islâmico passou por diversas denominações desde o seu surgimento até a atualidade. A nomenclatura da organização, de certa forma, revela de onde surgiu o Estado Islâmico e qual o caminho trilhado por ela ao longo dos anos. O atual Estado Islâmico é fruto de outras organizações armadas, inicialmente a organização comandada por Abu Musab al-Zarkawi se chamava Estado Islâmico do Iraque, a organização se fundiu com a Al-Qaeda que tinha atuação no Iraque, e passou a ser denominada al-Tawhid wal-Jihad. Quando o comando da organização passou de al-Zarkawi para Abu Bakr al-Baghdadi em 2010, o antigo nome de Estado Islâmico do Iraque voltou a ser utilizado (NAPOLEONI, 2013, p.11).

Mais uma fusão acontece em 2013, dessa vez com um grupo da Frente Jabhat al-Nusra, uma organização jihadista síria com vínculos estreitos ligados a Al-Qaeda. Com essa fusão o grupo passou a ser chamado al-Sham (Estado Islâmico do Iraque e do Levante). A nomenclatura como conhecemos hoje passou a ser usada apenas um pouco antes da proclamação do califado, passando de al-Sham para Estado Islâmico, mas no Iraque e na Síria é mais comumente conhecido por al-Dawlat, o Estado.

Analisando as diferentes nomenclaturas pelas quais passou a organização, analisamos eventos importantes de transição do Estado Islâmico dentro de sua formação, e dessa forma, a sua análise é de grande importância para que seus objetivos e atuações no Oriente Médio fiquem mais claros.

A denominação al-Tawhid wal-Jihad é a expressão de que Deus é Onímodo e Onipresente, ou seja, a vida só é possível a partir da Lei de Deus. Aqui se faz presente um aspecto bastante importante, porque a partir dessa ideia os muçulmanos consideram o Estado Islâmico original, o primeiro califado, cuja criação se deu no século VII pela ação do profeta Maomé e seus companheiros, uma sociedade perfeita governada por um mandato divino (NAPOLEONI, 2013, p.12). A interpretação dada pelos muçulmanos a esse primeiro califado é de que ele era a expressão política da vontade de Deus. A nomenclatura Estado Islâmico do Iraque se deu quando a organização concentrou esforços para que o Iraque fosse o começo de uma expansão até o reestabelecimento do califado. Da mesma forma quando al-Baghdadi instituiu a expressão al-Sham, foi mais uma expressão que transmitia o objetivo da organização que era o reestabelecimento do califado. A partir do momento que a utilização da denominação Estado Islâmico passa a ser utilizada, é mais um objetivo alcançado pela organização na tentativa de estabelecer uma sociedade islâmica ideal, como é interpretada pela organização a sociedade do século VII, mais um passo adiante na tentativa de reinstaurar a expressão política da vontade de Deus (NAPOLEONI, 2013, p.12-13).

A denominação Estado Islâmico demonstra a vontade do grupo em ser bem sucedido no reestabelecimento do califado e de certa forma ajuda a explicar a sua atuação como governo nos territórios sobre os quais tem domínio.

4. Atuação como Governo

Para falar da atuação do Estado Islâmico como governo, primeiro precisamos falar da “privatização do terrorismo” por parte da organização armada. O Estado Islâmico obteve grande sucesso em suas frentes de ação, e isso se deve em grande parte ao esforço de seu líder (Al- Baghdadi) em conseguir independência financeira para o grupo, e esse é o ponto de diferenciação com relação a outros grupos armados. Os patrocinadores do Estado Islâmico não conseguiram mais força para fazer oposição ao grupo e o aumento de pequenas organizações armadas apenas ajudou o Estado Islâmico na sua guerra de conquista, uma vez que seu poder militar frente a essas pequenas organizações era muito maior, o que acabou levando o grupo a conquistar uma série de regiões estratégicas e ricas em petróleo, como por exemplo, os campos de petróleo do leste da Síria (NAPOLEONI, 2013, p. 54).

A independência financeira da organização também foi facilitada pelo inteligente apelo diplomático de al-Baghdadi em certas questões. Al-Baghdadi fez alianças com as tribos sunitas locais para que os recursos explorados pudessem favorecer essas tribos também, essa exploração conjunta de recursos fez com que a população do local ocupado pelo Estado Islâmico não se tornasse oposição e ainda passou uma imagem de governo mais honesto do que o governo anterior de Bashar al-Assad. Ao invés de subjugar os líderes e a população conquistada, essas pessoas foram integradas ao Califado, e não de maneira que fossem tratadas como conquistadas, mas sim como integrantes de um Estado moderno. O Estado Islâmico se utilizou de uma estratégia bastante interessante e incomum, onde ao invés de subjugar líderes locais, passou a incorporar as autoridades locais em seu governo. A aprovação por parte dos conquistados levou a um

crescimento da militância em favor do Estado Islâmico e dessa forma os territórios conquistados vão se tornando a base de criação e de legitimação de uma organização em um Estado. Isso não ocorreu apenas em territórios da Síria, mas também no Iraque, onde o gerenciamento de recursos foi dividido entre o Estado Islâmico e comunidades sunitas locais, o que mais uma vez levou a cooperação e apoio ao Estado Islâmico (NAPOLEONI, 2013, p. 55).

Tais fatos revelam uma organização armada com capacidade de atuação bastante objetiva e bem diferente de outros grupos armados, pois o Estado Islâmico foi capaz de entender que a modernidade, o uso de tecnologias e a diplomacia são de grande importância no estabelecimento de um governo. Além da cooperação entre a população sunita local de certa forma legitimar o governo de al-Baghdadi, ele agiliza o processo de independência financeira do Estado Islâmico. Ou seja, com a legitimação do Estado Islâmico pela população e com a independência financeira de seus patrocinadores, a organização pode se concentrar na expansão do território e do Califado.

Com o progresso e crescimento da organização, o Estado Islâmico se deu conta de que um “Estado-Fantasma” ajudaria no processo de crescimento do Califado. Como a organização atua em meio a guerra, que é um terreno fértil para o nascimento de um Estado-Fantasma, pois a infraestrutura é quase inexistente e o poder político vem abaixo, o EI aproveitou a oportunidade e se apropriou do poder político. A partir do momento que o poder político se encontrava em suas mãos, a organização tratou de se organizar para desenvolver uma infraestrutura para os territórios conquistados, o que conseqüentemente levaria a uma aceitação do governo por parte dos conquistados (NAPOLEONI, 2013, p. 58).

Por ser um Estado-Fantasma e se encontrar em constante conflito armado, a economia gira em torno de fornecer condições de se manter no conflito e os gastos com infraestrutura são direcionados a fornecer somente o necessário para a população.

Em contraste com Estados-Fantasma tradicionais, o EI conseguiu inovar mais uma vez, nesse ponto no que diz respeito à economia. Normalmente Estados-Fantasma são baseados na economia de guerra, e a organização não tem a guerra como única forma de conseguir dinheiro, visto que controla áreas ricas em recursos naturais. Sendo assim, o EI não é movido pela necessidade da obtenção de dinheiro, a lealdade de seus combatentes é movida por uma ideologia e um objetivo em comum, a reconstrução do Califado.

A atuação do Estado Islâmico como governo, incorporando a população local, fornecendo infraestrutura e não apenas subjugando e explorando os conquistados, demonstra que o Estado-Fantasma de al-Baghdadi é movido por uma ideologia, que tem como meta a criação de um Estado moderno. O objetivo dos combatentes do Estado Islâmico é de vivenciar um Estado muçulmano ideal nessa vida e não apenas de morrer para aproveitar o paraíso que eles acreditam ser destinado aos muçulmanos (NAPOLEONI, 2013, p. 59).

Na busca pela criação de um Estado moderno, o Estado Islâmico precisa buscar a aprovação da população local, por isso dos investimentos em infraestrutura e compartilhamento de recursos. Ainda que a organização se intitule como possuindo um direito divino ao governo, ele não é suficiente e dessa forma o intuito de conseguir a aprovação e cooperação da população local é de extrema importância. Ou seja, a atuação como governo promovendo programas sociais, infraestrutura e suprindo as necessidades dos governados é o contraponto a guerra produzida por esse grupo, pois o objetivo de se estabelecer como um Estado moderno dentro do Oriente Médio traz consigo a necessidade de se atuar como um governo que proporciona a sua população o necessário para sua sobrevivência.

Na administração do Estado-Fantasma, o EI faz uma diferenciação bastante importante para entendermos o funcionamento do grupo, os militantes combatentes não são os mesmos que realizam trabalhos em favor da população. A infraestrutura fornecida pelo Estado Islâmico não é um mero acidente, é uma necessidade, e ela é traduzida em diversos acontecimentos e engajamentos da organização que rumam nesse sentido.

A independência financeira do grupo faz com que a população local não precise ser subjugada e os recursos obtidos com recursos naturais explorados em cooperação com as tribos, não é destinado apenas ao conflito armado, mas também a programas sociais, e esse direcionamento de capital fortifica o califado e a aprovação da população (NAPOLEONI, 2013, p. 61).

Segundo (NAPOLEONI, 2013 p.62):

A província de al-Raqqa na Síria, onde fica o quartel general do Califado, proporciona vários exemplos de obras públicas financiadas com os lucros gerados pela privatização do terrorismo, tais como a construção de um novo souk, ou mercado público, acolhido com muita satisfação pela população.

O Estado Islâmico também “administra uma empresa de fornecimento de energia que monitora os níveis de uso de eletricidade, instala linhas de transmissão e organiza oficinas para ensinar e concertar as antigas. Os militantes reparam vias esburacadas, transportam de ônibus moradores entre os territórios controlados por eles, restauram canteiros centrais para tornar estradas mais agradáveis esteticamente e operam um serviço de correios e uma zakat (agência de caridade mantida com tributo religioso), a qual o grupo alega que tem ajudado fazendeiros em suas colheitas. O EI manteve operante, ademais, a Represa de Tishrin (cujo nome mudaram para al-Faruq), no rio Eufrates, de suma importância para os ribeirinhos. Com todas essas agências e departamentos, o EI consegue proporcionar um simulacro de estabilidade em regiões instáveis e abandonadas pelo governo, ainda que muitos de seus habitantes não gostem de seu projeto ideológico.

Como o objetivo da organização é de reestabelecer o Califado como um Estado moderno, além de toda a infraestrutura fornecida e da atuação como governo o EI acredita que para esse objetivo ser alcançado ainda falta a inclusão das populações locais na construção política dos territórios dominados.

5. Desafios da Globalização

Hoje estamos vivenciando a era da globalização, onde os meios de comunicação e a tecnologia tornaram as informações em um instrumento difundido em todo o mundo. De acordo com (MOÏSI, 2009, p. 09):

“a globalização não é estática, porém um processo dinâmico contínuo, envolvendo a integração inexorável dos mercados, das nações-Estado e das tecnologias em um patamar jamais testemunhado antes, de modo que permite aos indivíduos, empresas e países atingir o mundo em um nível mais amplo, mais rápido, mais profundo e mais barato do que nunca. Esse mesmo processo também está produzindo um movimento contrário por parte daqueles brutalizados ou abandonados pelo mesmo sistema.”

Nesse ponto podemos analisar as emoções, pois um exemplo de movimento contrário a globalização é o fundamentalismo islâmico, que justifica várias de suas argumentações com embasamento no colonialismo imposto por países imperialistas.

A globalização permitiu que organizações como o Estado Islâmico se tornassem mais complexas, pois revela ser uma organização muito além de apenas religiosa, possui referências históricas e artifícios tecnológicos modernos para difundir a sua ideologia. O século XX ficaram claras algumas disputas ideológicas durante a Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria com o fascismo, liberalismo e o socialismo, mas isso foi substituído no século XXI e uma busca ideológica foi sucedida por uma busca por uma identidade, e o Estado Islâmico compreendeu isso como poucos (MOÏSI, 2009, p.14).

Para compreendermos o Estado Islâmico precisamos levar em conta um passado recente em que o Oriente Médio sofreu os males do colonialismo, além de possuir pretensões políticas, ideologias, busca por uma identidade e o retorno as raízes religiosas, a organização faz uso de argumentações em seu favor se utilizando desse passado recente.

O contexto trágico e suas consequências para os países que foram colonizados revela no Estado Islâmico um sentimento de atraso causado pelo colonialismo, e as relações políticas e econômicas passam a jogar no mesmo território das emoções. Segundo (MOÏSI, 2009, p.119): “em linhas gerais, o mundo na Ásia hoje se caracteriza sobretudo pela esperança; o mundo árabe islâmico pela humilhação; e o Ocidente, pelo medo.” A humilhação supracitada é o que ajuda a caracterizar o sentimento e a emoção por assim dizer, que o Estado Islâmico tenta expressar para o mundo, e em resposta a essa humilhação propõe o retorno a um passado glorioso,

uma comunidade muçulmana ideal, o Califado. Califado esse, na visão da organização, que teve seu curso desviado na história por intervenções estrangeiras, nesse caso em específico o colonialismo europeu.

O Estado Islâmico se coloca como um representante do povo muçulmano que sofreu nas mãos do colonialismo europeu, e como representante tenta restaurar a confiança dos muçulmanos. Para se colocar como representante, um sentimento que deve ser explicado, é o de raiva que foi precedida pela humilhação, isso pode explicar atos da organização que busca através da violência impor um regime dentro do Oriente Médio. E quando falamos de Oriente Médio, possuímos um cenário um tanto quanto complexo, interpretações variadas do alcorão (xiitas x sunitas), árabes contra não árabes, culturas e povos diferentes. Aqui encontramos um grande desafio para o Califado sunita de al-Baghdadi, que busca uma comunidade muçulmana ideal, porque percebemos que o mundo árabe segue linhas variadas de pensamento e de ideologia, o que faz com que o uso da força, violência e do terrorismo por parte do Estado Islâmico busque uma justificativa no fundamentalismo religioso.

Em negação aos valores ocidentais surge uma busca por uma identidade e é a partir desse ponto que o Estado Islâmico prega um retorno as raízes de um passado glorioso baseado na religião que surge no século VII que chegou a possuir territórios que iam da Espanha até a Ásia Central. O declínio do poder islamita que teve seu início no século XVIII ainda pode ser percebido na atualidade por uma série de fatores, dentre eles a subordinação ao imperialismo ocidental europeu, a criação do Estado de Israel e o desencanto com a independência. Como foi pontuado por (MOÏSI, 2009, p. 58):

Atualmente, em termos demográficos, o islamismo pode estar crescendo como religião, em vias talvez de um mundo em que os muçulmanos sejam mais numerosos e representem mais do que nunca uma fatia maior da população mundial. Entretanto, do ponto de vista psicológico e emocional, o que domina o mundo muçulmano é um sentimento de humilhação política e cultural e uma exigência exacerbada de dignidade.

Analisando o Estado Islâmico dentro desse contexto, podemos perceber que o sentimento visa explicar o atraso do mundo muçulmano e que a culpa desse atraso está no colonialismo instituído pelos europeus no seu território. Em detrimento disso, a organização visa mudar todo esse contexto com o seu “jihad”, que erroneamente pode ser traduzido como guerra santa, quando na verdade deve ser traduzido como um esforço em favor de Deus. A volta as raízes religiosas retrata um sentimento que é descrito pelos muçulmanos como sendo de extrema importância, pois quando o Ocidente tomou as rédeas do Oriente Médio os muçulmanos “se desvirtuaram” e se desviaram do caminho de Deus e por isso estão sofrendo com as consequências desses acontecimentos (colonialismo).

Conforme ressaltado por (MOÏSI, 2009, p.65):

O sentimento de humilhação pode, algumas vezes, ser uma arma diplomática poderosa, como ilustrado por vários episódios na história recente do Oriente Médio. Uma das formas de agir é jogar com o sentimento de culpa de outras nações que possam ter participado da humilhação sentida por seu povo, e usar essa culpa para extrair concessões ou apoio.

O Estado Islâmico joga e usa esse sentimento de humilhação em seu favor, mas quando analisado pelo Ocidente, o sentimento de culpa acaba se esvaindo com a existência de atos de terrorismo por parte da organização, e dessa maneira mais uma vez o Ocidente tem uma justificativa para uma intervenção militar no Oriente Médio.

6. Conclusão

São notáveis as diferenças e discordâncias existentes dentro do islã, a interpretação do Alcorão e dos feitos de Maomé abre espaço para que discussões e conflitos surjam no contexto do Oriente Médio e do mundo muçulmano. Vemos nascer nesse contexto organizações como o Estado Islâmico e identificamos pontos cruciais que revelam uma organização muito bem pensada e planejada, com embasamento histórico, religioso e um posicionamento muito bem definido.

O Estado Islâmico se baseia em um passado glorioso para se projetar no presente, e o sentimento de vontade de retorno ao passado sustenta um esforço inimaginável. Para reestabelecer um passado idealizado, o Estado Islâmico buscou o caminho da violência, mas se desprender da violência usada como meio para se chegar a um objetivo é uma tarefa árdua. A violência do Estado Islâmico fica evidenciada e quase sempre em primeiro plano, deixando o real objetivo da organização nebuloso e difícil de ser percebido.

Analisando esses fatos fica difícil concluir o rumo que ideologias islâmicas baseadas no Salafismo irão tomar. A interpretação única e literal das escrituras sagradas por parte dos extremistas pode levar a mais discussões e discordâncias dentro do islã.

Para finalizar, cito (SANCHES, 2007, p. 10):

Grande parte dos conflitos atuais envolve questões religiosas e em muitos deles nota-se uma religiosidade primitiva a serviço de interesses políticos ou econômicos. Nossos conceitos a respeito do fenômeno religioso se mostram escassamente desenvolvidos. A pouca elaboração e o pouco pensar fazem da religiosidade um instrumental útil para a conquista de poder.

A volta ao passado pregada pelo Estado Islâmico é uma busca por soluções para o presente que se encontra corrompido, é uma busca por um exemplo de pureza. Infelizmente a busca por soluções no passado, acarreta em uma série de problemas causados pelo extremismo religioso, no presente.

Bibliografia

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

STERN, Jessica; BERGER, J.M. **Estado Islâmico: Estado de terror**. [S.L.]: Vogais, 2015.

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

MOÏSI, Dominique. **A Geopolítica das Emoções**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

SANCHES, Sebastião Molina. **Nós e os Outros - O Fundamentalismo como Sintoma de uma Integração Primitiva**. Porto Alegre, 2007.

LEITE, Ana Pinto. **O Histórico e o Eterno: Do Salafismo a Kierkegaard**. Lisboa: 2013.

WIKTOROWICZ, Quintan. **Anatomy of the Salafi Movement**. Washington, D.C., USA: Taylor & Francis Group, 2006.